



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA
Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo

Anagélia da Silva Rodrigues
RA: 2027713/1

Fontes de Informação na Biografia Sobre Carmen Miranda
Uma Pesquisa Baseada na Obra de Ruy Castro

BRASÍLIA
Junho/2007

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB

Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA
Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo

Anagélia da Silva Rodrigues
RA: 2027713/1

Fontes de Informação na Biografia Sobre Carmen Miranda
Uma Pesquisa Baseada na Obra de Ruy Castro

**Trabalho de Conclusão de Curso
(TCC) Apresentado ao Centro
Universitário de Brasília, como
requisito parcial à obtenção com
habilitação em Jornalismo.**

Orientador: Prof. Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA
Junho/2007

Anagélia da Silva Rodrigues
RA: 2027713/1

Fontes de Informação na Biografia Sobre Carmen Miranda
Uma Pesquisa Baseada na Obra de Ruy Castro

**Trabalho de Conclusão de Curso
(TCC) Apresentado ao Centro
Universitário de Brasília, como
requisito parcial à obtenção com
habilitação em Jornalismo.**

Banca Examinadora

Prof. Luiz Cláudio Ferreira - UniCeub
Orientador

Prof. Ellis Regina de Araújo - UniCeub
Examinadora

Prof. Lunde Braghini
Examinador

BRASÍLIA
Junho/2007

Agradeço ao meu pai Franco, eterno professor, à minha querida mãe Adail, à meu irmão Jean, à meu namorado Vítor e, ao meu orientador Luiz, pela sabedoria com que me fez chegar até aqui. A todos, muita obrigada pela força!

A vida de uma pessoa não é o que lhe aconteceu e
sim o que ela lembra e como lembra

Gabriel García Márquez

Resumo

O comprometimento das fontes, mediante e com a relevância do processo jornalístico de apuração, é de tal importância na biografia como em textos convencionais das redações. Para que o biógrafo tenha um bom material a respeito do personagem em mãos é necessária uma checagem com pessoas próximas do biografado. As fontes de informação são preciosidades na busca da reconstrução de um sujeito. Contudo, é necessário analisar e conhecer o terreno das fontes, antes do biógrafo escorregar nos “achismo” e senso comum. O escritor e jornalista Ruy Castro colabora para uma *quase* perfeita obra biográfica em *Carmen – Uma Biografia*.

Palavras- chave: Biografia. Carmen Miranda. Fontes de Informação. Gênero biográfico. História de Vida. Personagem Biografado. Reconstrução do Personagem.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 A BIOGRAFIA	11
2.1 O Coração do Jornalismo: Fontes de Informação	12
2.2 Fontes Primárias	14
2.3 Fontes Secundárias	17
2.4 A Fonte de Informação no Livro <i>Carmen, Uma biografia</i>	18
3 AS MÁSCARAS DO BIOGRAFADO E A MEMÓRIA DAS FONTES DE INFORMAÇÃO	24
3.1 Biografia Não é Lei	25
4 CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

1) INTRODUÇÃO

Para o Brasil ela é uma estrela, um mito. Para o jornalismo é uma história singular. Não é à toa que, a imagem de Carmen Miranda, ganhou novas luzes 50 anos depois de sua morte através dos holofotes, ou melhor, da pesquisa do escritor Ruy Castro.

Maria do Carmo nasceu às três horas da tarde de um inverno gelado (da Várzea de Ovelha, em Portugal), no sobrado de pedra composto de um térreo e um andar, com chão de terra batida, sem luz e sem água, em que seus pais moravam de favor. Nasceu de bruços – donde, como rezava a superstição, seu pai pensou que fosse um menino. (A superstição dizia também que a mulher que nasce de bruços é estéril.) Cinco dias depois, a miúda foi batizada na igrejinha de São Martinho, severa, rústica, de pedra, junto a um muro também de pedra. Os padrinhos foram o sr. Assis e sua mulher, dona Maria do Carmo Monteiro, de quem Maria do Carmo herdou o nome. Normalmente, as Marias do Carmo portuguesas tornavam-se apenas Carmo. Mas Amaro (tio da cantora), irmão de Maria Emília (mãe de Carmen) e eventualmente também barbeiro, era boêmio, tocava violino e cantava – talvez nunca tivesse ouvido falar de Prosper Mérimée, mas sabia uns tostões de ópera e, ao ver a pequena Maria do Carmo, “morena como uma espanhola”, associou-a à então popularíssima “Carmen de Bizet”. O apelidou pegou na família, e Maria do Carmo tornou-se, para sempre, Carmen. (CASTRO, 2005, pág. 12)

Contar a história da vida de alguém é uma tarefa de persistência. Uma busca voraz, apuração que faz voltar ao mesmo ponto várias vezes. Descobrir num universo amplo e vasto uma vida que merece registro em livro. A biografia, segundo autores consultados para esta pesquisa, é um gênero que remete um personagem em um ambiente, com determinada filosofia, o que obriga o escritor a penetrar nas circunstâncias pessoais e psicológicas de uma pessoa.

Isso só é possível pela coleta de dados por meio de diversas fontes de informação e também, obrigatoriamente, por uma pesquisa ampla de material feita sobre a época.

Carmen, Uma Biografia, de Ruy Castro, é o exemplo de uma obra biográfica que segue esses princípios. Este livro serve de referência para o presente trabalho escolhido por esta pesquisadora, sobretudo pela sua complexidade ao tratar de um personagem singular, a portuguesa mais brasileira de todos os tempos.

O escritor da biografia de Carmen Miranda não poupou detalhes da vida dela e nem deixou o leitor à mercê apenas de fatos polêmicos da cantora. As mais de 180 entrevistas feitas por Ruy Castro deram ao livro intensidade quanto às verdades sobre a artista e a impressão de termos vivido e conhecido Carmen Miranda profundamente.

A sua obra segue o padrão e a estrutura de outros livros como *Anjo Pornográfico* (sobre o dramaturgo Nelson Rodrigues) e *Estrela Solitária* (sobre o jogador de futebol Garrincha).

Na presente pesquisa, será dado foco à estrutura narrativa da obra *Carmen, Uma Biografia*. Especificamente, serão observados os critérios de apuração dessa biografia. Além disso, tem-se o objetivo de apresentar e estudar as fontes de informação, um dos principais elementos de um trabalho jornalístico.

Ao final deste trabalho acadêmico, esta pesquisadora terá pretendido analisar a biografia de modo a contribuir para esta área que, ainda, conta com poucas referências de estudo nas bibliotecas e livrarias, inclusive sendo essa uma dificuldade para este estudo. Contudo, a biografia é de suma importância, pois, por meio dela, podemos entender um passado e deixar um exemplo a ser seguido para as próximas gerações.

A pesquisa sobre a apuração do livro de Carmen é importante para que o leitor deste trabalho saiba da relevância de uma boa pesquisa em torno de um personagem e a responsabilidade assumida com as fontes e com a “imagem” reconstruída pelo biógrafo.

O tema foi escolhido a partir de uma leitura feita pela autora desta pesquisa acadêmica e que, ao ler o livro *Carmen, Uma Biografia* questionou várias passagens onde o autor Ruy Castro expõe as dúvidas quanta à informação colhida e outras vezes assumindo quem foi à fonte de informação.

Para que esse trabalho fosse possível foi necessária coleta técnica sobre o desenrolar de um trabalho acadêmico e entrevista com o autor da obra. Foi relevante estudar as formas do jornalista buscar as informações e a reconstrução ou a simulação do fato.

Tudo isso pode contribuir para que se possa entender um processo de apuração numa biografia. Levantar dados sobre quem foram às fontes diretas ou indiretas do jornalista Ruy Castro e suas metodologias para desvendar fatos tão misteriosos da vida

da artista e, também, quais foram os caminhos do escritor para realizar o jornalismo em sua essência.

2) A BIOGRAFIA

A biografia tornou-se objeto de estudos entre os historiadores do século 20. O tratamento dado em tempos anteriores à produção biográfica estava ligado principalmente aos historiadores marxistas, os quais direcionavam suas análises para interpretações ligadas à vida social e biografavam grupos de pessoas. Por exemplo, os comunistas, os nazistas ou cristão etc. Com a colaboração da psicologia e dos estudos sobre o subconsciente, os aspectos individuais passariam a ser considerados mais relevantes. A biografia passaria, então, a ser considerada uma forma de expressão individual que estaria ligada à composição da personalidade e das qualidades humanas.

Para o jornalista Sérgio Vilas Boas, que estuda as técnicas de como escrever biografias e perfis, a biografia pode ser considerada um gênero.

De forma didática, o gênero conta a história da vida de alguém e, não raro, aspectos de determinada ou de várias pessoas, abordando muitas vezes de um ponto de vista crítico e não apenas historiográfico.

Entre jornalistas, historiadores, literários e até mesmo sociólogos, está à questão de que área ou especificidade pertence a biografia que, segundo a autora deste trabalho, o gênero biográfico permeia um pouco em cada uma dessas modalidades.

Para Sérgio Vilas Boas, a biografia não pertence a uma única área.

Acredito que a biografia pode emprestar e tomar emprestado ferramentas variadas da História, da Sociologia, da Psicologia, do Jornalismo etc. Os campos suplementam-se caso a caso. Primeiramente, historiografia é uma das fontes indispensáveis para compreender o fazer biográfico, na medida em que contempla pesquisa, documentação, interpretação e recursos narrativos. (BOAS, 2002, P.19)

Na Antigüidade, a biografia, como acentua o filósofo Dilthey, representa um marco nessa forma de expressão:

O conhecimento da natureza e o valor da individualidade foram se desenrolando pouco a pouco na humanidade européia. Sócrates é o primeiro a tomar consciência do processo moral dentro de si mesmo, o que torna possível o desenvolvimento da pessoa unitária. O "conhece-te a ti mesmo" orienta-se, em primeiro lugar, ao uniforme da natureza humana, porém, desta, que nele oferecia validade universal e que elevou à luz do saber, teria de separar-se o poderoso, o insondável, que designava como "demônio", e que, sem dúvida, pertencia à profundidade da subjetividade. A partir de então, Sócrates converteu-se, para seus discípulos, para os estóicos, Montaigne, etc., no tipo da reversão do pensamento às profundidades da pessoa. (*apud (artigo) DILTHEY, 1945, p.317*)

Para Dilthey, vale observar que a biografia, como arte de narrar vidas, embora trabalhe com cada vida em suas particularidades, extrai de cada uma delas certas características típicas. Tomadas como exemplo, imitadas, seguidas, integrando um "modelo" de conduta determinado pelo espírito da época, servirão à educação.

Ainda de acordo com Dilthey, "na arte, a representação da vida se divide entre pessoas e acontecimentos. Podemos acrescentar que uma biografia é a encarnação de tal combinação". (DILTHEY, 1945, p.317)

2.1) O CORAÇÃO DO JORNALISMO: FONTES DE INFORMAÇÃO

A partir de dados estudados nessa pesquisa, a biografia deve ser um trabalho de apuração minuciosa, com fontes de informação e fatos averiguados incessantemente e um trabalho de plena observação.

Escrever sobre uma pessoa é buscar na história, sociologia, psicologia e no jornalismo elementos que reconstruam a vida do biografado. Isso só será possível a partir de pessoas que tenham testemunhado momentos de vida do personagem ou documentos que ressaltem a trajetória daquela vida.

Aí está a fonte de informação! As fontes são sempre pessoas, grupos, instituições sociais que têm algo a dizer, a informar. São produtores das ações sociais dos atos e fatos noticiáveis.

Conhecer a fonte é distinguir os propósitos do sujeito promotor da ocorrência, ou as intenções do intermediário ou do testemunho, de quem – pessoa ou

instituição – fornece dados mediante os quais se mede o peso do acontecimento noticiável. (*apud* CHAPARRO, 1996, p.132)

As fontes de informação, embora precisando dos jornalistas e de se submeter aos seus critérios e às suas lógicas de atuação, as fontes têm o poder de gerir, facultar, redirecionar a história e, mesmo de encenar para chamar a atenção. As fontes de informação ainda precisam adquirir visibilidade, também os jornalistas, tanto individualmente como enquanto grupo profissional, detêm um poder que não pode ser menosprezado. (Chaparro, 1996, pág. 132)

Cremilda Medina defende que, os jornalistas, não são meros ouvintes e mediadores da informação. Eles se permitem escolher ou selecionar as aspas que desejam inserir nas matérias. (*apud* MEDINA, 1986, 20)

Com todos os lados e vertentes que fazem parte de uma apuração estão não somente as fontes como também a visão do jornalista, dos anunciantes, do governo, dos “chefões” das redações, *lobbies*, e proprietários dos meios de comunicação.

No livro estudado, *Carmen, Uma Biografia*, podem ser encontrados os quatro tipos de fontes de informação. Sendo que, todos esses podem ser responsáveis e co-autores da seleção de uma entrevista. Na notícia, assim como na biografia, as pessoas estão preocupadas de onde vem a informação e em como elas são descobertas e disseminadas.

Segundo o Manual da Folha de São Paulo, a classificação de uma fonte varia com as circunstâncias políticas, o relacionamento pessoal da fonte com o jornalista, a atitude dela em relação ao veículo que o profissional representa. Tendo em mente que a hierarquização de fontes não é uma “*camisa-de-força*”. Não precisamos ficar presos a elas.

A *Folha* distingue quatro tipos de fontes. As informações obtidas de cada uma delas exigem procedimentos diferentes antes da preparação do texto final. O manual classifica as fontes em quatro tipos:

a) Fonte tipo zero – segundo o manual, a fonte que não deixa “margem à dúvida”. Pode dar a impressão de inquestionável, concreta, com enciclopédia, documento, foto, relatório entre outros. A fonte é oficial. “Em geral, ela (a fonte zero) prescinde de cruzamento”.

Um exemplo de fonte tipo zero na biografia de Carmen é um telegrama de 31 de agosto de 1940, de Lee Shubert, empresário da cantora, para Aloísio, componente e líder do Bando da Lua, grupo que se apresentava com Carmen, pedindo que a artista voltasse do Brasil para New York, pois tinha uma apresentação com data marcada.

Avisé Miranda acertei compromisso na 20th Century-Fox Hollywood por um período de cinco semanas mais três semanas e meia de opção a dois mil dólares por semana começando dia 25 de novembro para testes [de roupa, cor etc]. Salário começa a valer no dia 25. Pode também trabalhar em Nighth-Clubes até meia noite durante o compromisso. Espero fechar acordo em separado para o Bando. Faça [Carmen] me telegrafar imediatamente dizendo "autorizo-o a assinar por mim um contrato para cinema nos termos de seu telegrama de 31 de agosto". Isso significa que ela não receberá menos de 10 mil dólares por cinco semanas e 330 dólares/ dia por cada dia a mais. Shubert. (CASTRO, 2005, p. 254)

b) Fonte tipo um – Conforme o manual, “é a mais confiável nos casos em que a fonte é uma pessoa”. Essa fonte traz consigo uma carga de conhecimento sobre o fato, pessoa ou notícia a qual está sendo questionada “.

A fonte de tipo um fala com conhecimento de causa, está muito próxima do fato que relata e não tem interesses imediatos na sua divulgação. Dentro da biografia de *Carmen, Uma Biografia* pode ser alguém que assistiu a shows da cantora, por exemplo.

c) Fonte tipo dois – Tem o caráter de “não-confiável”. Ela deve ser, sempre, cruzada com informações das fontes tipo um ou tipo dois, antes de suas declarações terem relevância. Um parente ou amigo é considerado fonte tipo dois, pois eles têm parcialidade nítida.

d) Fonte tipo três – Essa fonte é aparentemente bem informada, mas tem interesses políticos ou econômicos. Portanto, a que tem menos confiabilidade por este motivo. De acordo com o manual da Folha de São Paulo, existem duas possibilidades para esta fonte, que deve ser considerada e ouvida.

Há dois caminhos para a informação de fonte tipo três: funcionar como simples ponto de partida para o trabalho jornalístico ou, na impossibilidade de cruzamento com outras fontes, ser publicada em coluna de bastidores, com a indicação explícita de que ainda se trata de rumor, informação não-confirmada. (*Manual da Folha de São Paulo*, 1994, p. 37- 8)

Ainda de acordo com o manual, a fonte “um” não é um oráculo inegável e a fonte “três” pode trazer informações valiosas para o leitor. Mesmo uma boa fonte zero pode conter erro de informação.

Hierarquizar as fontes de informação é fundamental na atividade jornalística. Cabe ao profissional, apoiado no bom senso, determinar o grau de confiabilidade de suas fontes e que uso fazer das informações que lhe passam.

Para que se entenda um pouco mais sobre as fontes é necessário englobá-las em dois tipos usados por Sérgio Vilas Boas e Cremilda Medina: fontes de informação primárias e fontes secundárias.

2.2) FONTES PRIMÁRIAS

Segundo Sérgio Vilas Boas, as fontes primárias são documentos oficiais e não-oficiais que são consideradas, pelos jornalistas, incontestáveis discursos, registros de certidões de nascimento, casamento ou de óbito, filmes, fotos, autobiografias, diário entre outros exemplos são fontes de ordem primária ou as chamadas fontes “0”.

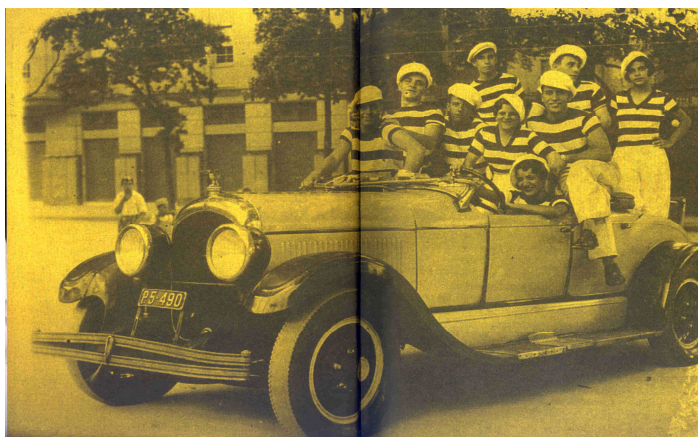
Dentre as fontes primárias, também, estão as correspondências que “revelam projeções do remetente em relação ao destinatário e ao mundo exterior”. (VILAS BOAS, 2002, p.12).

Ainda nas fontes primárias pode-se ressaltar o *clipping*, coleção de material impresso, de rádio ou TV com notícias sobre determinado assunto, empresa, pessoa ou marca. Este material dá contexto e ferramentas para a pesquisa, além dos testemunhos orais que “oferecem ao pesquisador a oportunidade de ver e pensar os acontecimentos (...) além de permitir enxergar o entrevistado como indivíduo e como membro de uma sociedade (...)”.(VILAS BOAS, 2002, p.12).

No livro estudado, a fonte primária é recurso contínuo do autor Ruy Castro.

Uma famosa foto de lambe-lambe mostra Carmen naquele Carnaval, ao volante da barata de Mario Cunha, com ele ao seu lado, de pernas Cruzadas para fora do carro, e este abarrotado de foliões, todos de camisa listrada e boné, prontos para sair no corso (...). E Carmen estava mesmo ao volante, mas só para a fotografia. Poucos minutos depois ela teria de ceder lugar a

Mario Cunha e voltar para o banco do carona. Por mais que ela insistisse, ele não a ensinava a dirigir e não permitia que outro o fizesse. A maior estrela da música popular poderia comprar um carro, se quisesse, mas não tinha autonomia para dirigi-lo. (CASTRO, 2005, p. 78)



¹FIGURA 1

Em outra passagem do livro mostra que, o autor Ruy Castro, só poderia saber de um filme que Carmen fez a época por meio da matéria no jornal A Noite que falava do filme.

Voz do Carnaval era um filme-revista carnavalesco, com um fio de trama escrito pelo dramaturgo, Joracy Carmargo. Mostrava a chegada do rei Momo(o autêntico, Moraes Cardoso, o primeiro rei Momo carioca, recém-eleito) descendo do navio Macangê na praça Mauá e sendo aclamado pelo povo em frente ao edifício do jornal A Noite – por sinal, um dos financeiros da produção(...). O filme estreou em março, no Odeon. Depois correu o Brasil e, como era sinal dos filmes brasileiros, as cópias foram desaparecendo uma a uma e finalmente o negativo também sumiu (...). Os artigos da época, única maneira pela qual sabemos hoje como era o filme, dizem que, em determinada cena, passando pela rua maior animação, via-se Mario Cunha. Pelo visto, ele perdera a namorada, mas não perdera o aplomb. Quando Carmen voltou da Bahia e não quis muita conversa, ficou claro para Mario que o rompimento era definitivo. Então, ele se aprumou ao espelho, refez suas mortíferas ondas no cabelo e mandou imprimir novos cartões de visita dizendo: MARIO CUNHA, EX-PEQUENO DE CARMEN MIRANDA. (CASTRO, 2005, p. 88-9).

Nessa passagem, o autor quer mostrar um pouco da personalidade do namorado de Carmen, Mario Cunha, que a deixava tocar no volante apenas para a foto. Tendo

¹ FONTE: *Carmen, Uma Biografia*, Ruy Castro, 2005. Carmen Miranda, ao volante, com o namorado à direita e a irmã Aurora à esquerda

como fonte a foto que não negava que ela estava ali apenas por pose. Sendo que, na verdade, ela não sabia e não podia dirigir por tirania do namorado.

Numa outra passagem do livro, o autor Ruy Castro mostra como Carmen era intolerante com o ciúme dos outros, ainda mais por parte dos amigos e de como estes demonstravam, claramente, indignação contra o namorado da artista, Mario Cunha:

Carmen só se irritava quando Sylvia fica possessiva, chata e, por se julgar com direitos, passava do ponto. Sylvia não gostava de Mario Cunha, e não perdia a chance de dizer algo contra ele. Nem sempre Carmen podia rebater esses venenos – por que sabia que era a verdade. (Uma foto dos três, na rua, em 1930, é bem significativa: mostra Sylvia de braço dado com Carmen, como quem a puxando para si - e a afastando de Mario Cunha, que está a um metro de distância, aparentando alheio à manobra da mulher.). Outras vezes, Sylvia fazia beicinho quando Carmen dispensava uma atenção a seu ver excessiva a algum novo amigo ou amiga. Ao perceber isso, Carmen lhe dava um fora: “Ah, está com ciúme? Pois vá mudando a chapa, batuta. Não agüento ciúme de macho, vou agüentar de mulher?” (CASTRO, 2005. p. 94)

Com o material pessoal da própria família da artista e outros avulsos em jornais e acervos foi possível à biografia que reconstruiu a Carmen nascida em fevereiro de 1909.

2.3) FONTES SECUNDÁRIAS

Já as fontes de informação secundárias, de acordo com o livro *Biografias e Biógrafos*, de Sérgio Vilas Boas, não dependem mais de provas palpáveis, mas de entrevistas. Estas fontes remetem as suas recordações, lembranças e sentimentos para apresentar algo de relevância que têm sobre o fato ou alguém.

Entretanto, o escritor Sérgio Vilas Boas faz uma ressalva e alerta em relação às fontes secundárias afirmando que as pessoas consultadas são volúveis e podem mudar de idéia.

Entrevistados com freqüência alteram seus pensamentos e palavras conforme a idade e conveniência; lembram e mentem conforme a necessidade e a época; conscientes ou inconscientes, reproduzem o que apenas ouviram como se tivessem testemunhado; tentam agradar ou desagradar dizendo o que acham que o biógrafo quer ouvir. (BOAS, 2002, p.61)

De acordo com Vilas Boas, o manejo das fontes secundárias nada mais é do que o exercício de lembrar. Contudo, lembrar não é reviver, e sim, refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado (de ontem ou de muitas décadas atrás). O instrumento da memória é a da linguagem, oral ou escrita.

Dentro deste contexto, a psicóloga Ecléa Bosi, no livro *Memória e Sociedade*, afirma que o problema das fontes secundárias (entrevistas) pertence aos âmbitos tanto da historiografia quanto da psicologia social.

A memória não é um sonho, é trabalho. Se assim, deve-se duvidar da sobrevivência do passado “tal como foi”, e que se faria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 1998, p.55)

Conclui-se, portanto, que a lembrança não é tão clara e real quanto a experiência. A suposta “nitidez”, não existe. Ela é virtual. Assim como o tempo muda, as percepções também se modificam.

O jornalista Vilas Boas afirma que a maior lição que o biógrafo tem que extrair da entrevista é que “a prática oral de vida é aprender a estar atento ao que não está sendo dito e considerar o que os silêncios querem dizer. Os significados mais simples são provavelmente os mais convincentes”. (VILAS BOAS, 2002, p. 66)

2.4) A FONTE DE INFORMAÇÃO NO LIVRO *CARMEN, UMA BIOGRAFIA*

A vida, embora determinada pela historicidade, se expressa de forma original e única em cada indivíduo. Essa expressão configura-se na personalidade. E pode-se tornar perigoso, ao entrevistar uma pessoa, e tornar esse depoimento como verdade absoluta, da qual esta não existe.

O livro *Biografias e Biógrafos*, de Sérgio Vilas Boas, ressalta que, em meados do século 18, “os biógrafos antigos não exploravam as fontes presentes na casa de Alexandre, o Grande, por exemplo, e sim os sinais dos céus no dia de seu nascimento”.

Hoje, as biografias podem parecer consistentes sob o disfarce da historiografia, da ciência política, da psicanálise ou mesmo do jornalismo. Trazem mais a retórica da verdade do que a verdade da retórica. De tudo isso, no entanto, o que fica mais visível como padrão é a idéia de uma cronologia de vida expressa pelos calendários das respectivas épocas, antigas ou modernas. (BOAS, 2002, p.34)

O biógrafo, portanto, tem de reunir o maior número possível de conhecimentos sobre um personagem histórico, a fim de se aproximar, tanto quanto possível, da sua verdade viva, com o máximo de precisão, de autenticidade e de probidade. Tentando, assim, chegar o mais próximo do personagem e dar a visibilidade para o leitor, de quem possivelmente foi Carmen Miranda, por exemplo.

Pele morena, olhos verdes e muito vivos, boca rasgada, dentes brancos e perfeitos, farto cabelo castanho claro. Pequenininha, é verdade – 1,52 metro e nunca passaria disso -, mas um pitêu: seios de granito, quadris anchos, pernas grossas e firmes, Carmen já estava pronta desde a adolescência. Só não gostava de seu nariz, que, de tão arrebitado, comparava ao de Cyrano e de uma pinta amarela que trazia no olho esquerdo. Mas era coquete – sabia de seu poder de sedução e gostava disso. Deixava-se ficar conversando com algum rapaz na porta do sobrado e não via o tempo passar. Sua mãe chegava à janela e gritava: “Suba, Carmen!”. Mas dona Maria tinha de dar a ordem várias vezes até que ela subisse. (CASTRO, 2005. p. 20- 1)

É nítido o quanto o biógrafo quer deixar o personagem o mais real e mais penetrável na cabeça dos leitores o máximo que puder, sempre segundo as fontes de informação.

Para o biógrafo Ruy Castro, em uma entrevista feita pela autora deste trabalho acadêmico, a informação mais difícil no livro *Carmen, Uma Biografia*, foi a de pessoas que estavam presentes no Cassino da Urca no show da artista, em 1940, em que ela foi friamente recebida.

A partir do depoimento de uma pessoa que estava lá, a Sra. Stella Perry, pude compor a listagem de pessoas que estavam naquele cassino. Levei mais de dois anos somente para esta informação, da qual só foi possível por meio da Sra Perry e, por consequência, mais duas pessoas presentes no Cassino e inúmeros recortes de jornais e revistas da época. (Falou em entrevista)

À noite da qual se refere o jornalista e biógrafo Ruy Castro, conta a história polêmica na qual Carmen Miranda, após um ano da ida para os Estados Unidos, volta ao Brasil, em 1940, para um grande e ornamentado show no Cassino da Urca, no Rio de Janeiro, um dos mais badalados da década. Nessa ocasião foi vaiada pela platéia.

Ruy Castro teve que desmistificar a história de que a cantora não foi bem quista, de acordo com algumas testemunhas e a Sra Perry.

Carmen dirigiu-se à platéia: “*Good night, people*” – em vez do tradicional (e muito mais ela) “Oi, macacada!”. Não houve grande resposta. Carmen abriu com *South American Way*. Pelos três minutos seguintes gelo na platéia. O samba-rumba, muito fraco para os padrões brasileiros, teve de arrastar-se sozinho até a última nota. O verso “*Souse American Way*”, que, nos Estados Unidos, fazia a platéia ter convulsões de riso, passou em branco na Urca até pelos que entenderam o trocadilho. Ao fim do número, não houve vaia, mas aplausos tíbios e espaçados. E, mais que tudo, silêncio – um silêncio cheio de sons de desconforto: resmungos em surdina, bufadas involuntárias, corpos se ajeitando nas cadeiras. (CASTRO, 2005, p. 249).

É no cruzamento das informações e desenvolvendo o processo de apuração que, ao longo do trabalho do biógrafo, os personagens e fontes de todo o tipo vão surgindo.

Para Ruy Castro, existem as fontes de informação óbvias que é a mãe, irmão, namorados etc. Mas ao conversar com eles, se descobrem outras tantas pessoas e que, muitas vezes, dá um conteúdo melhor e mais curioso. Claro, nunca se furtando de que todos, segundo Ruy Castro, têm importância e espaço nos depoimentos.

Na obra *Carmen, Uma Biografia*, Ruy Castro falou com quase duzentas pessoas, fora as que deram informações e pediram para não serem mencionadas na parte de agradecimento do livro, onde, uma a uma, é reconhecida.

Ruy Castro, em entrevista a está pesquisa, garante que, “muitas vezes, o repórter (ou o biógrafo - mas sempre um entrevistador) tem de se valer de sua intuição e experiência para saber se confia num canalha ou se desconfia de um santo. Os dois casos podem acontecer”. O importante é saber que o ser humano é falho nas memórias, mas, todavia, a que lhe parecer o fato mais cabível deve ser levado em consideração.

Tanto as fontes primárias quanto as secundárias requerem avaliações críticas. Por não se contentarem com o que lêem, observam e ouvem (...). O biógrafo

perspicaz, lembra Steve Weinberg, suspeitará de informações aparentemente homogêneas, como matérias de jornais, por exemplo. Elas podem não passar de “factóides” motivados por malícias. Jornais e revistas diariamente constroem ou destroem personalidades, imagens e auto-imagens. Nem por isso, porém, deixam de ser matéria-prima para biógrafos. (BOAS, 2002, p.55)

O jornalista Ruy Castro, na mesma entrevista, não sabe dizer ao certo quantas fotos, documentos ou qualquer outro recurso de “fonte primária” utilizou. Sabe-se, no entanto, que foram muitas. “Eu tive a idéia de fazer uma biografia sobre Carmen Miranda em 2000. Já tinha muito material a respeito dela porque sempre a admirei. Fui, todavia, lançar o livro cinco anos depois exatamente pela dificuldade das fontes nessa biografia”, declara.

Para o autor de *Carmen, Uma Biografia*, não foi fácil encontrar as fontes de informação. Já havia se passado 50 anos da morte da cantora. Imagina a idade que tem às pessoas que conviveram com a artista e que podiam, lucidamente, lembrar dos fatos.

Exemplo de fonte importante entrevistada foi Cecília Miranda, irmã de Carmen que, de acordo com Ruy Castro, foi “decisiva”, apesar dos 92 anos. Em 2005, Cecília era uma das únicas entrevistadas que poderiam, com conhecimento de causa, falar da infância da cantora luso-brasileira.

Para minha sorte, a maioria das fontes foi de pessoas que tiveram o privilégio de conviver ou trabalhar com Carmen – e, até a mim, surpreendeu o número de homens e mulheres que encontrei, entre 2001 a 2005, muitos já por volta dos noventa anos, mas lúcidos e ativos, e ainda tão apaixonados por Carmen como no passado. Só mesmo o amor por Carmen justificou a paciência com que essas pessoas me receberam ou atenderam a qualquer dia e hora, indo buscar no fundo da memória as respostas que nunca lhes tinham sido feitas. (*Carmen, Uma Biografia*, 2005. p. 552)

Diretamente, Ruy Castro entrevistou 140 pessoas que haviam convivido e conhecido Carmen Miranda, as outras 40 pessoas, do total de 180, não conheceram Carmen viva.

Alguns por pouco, nasceram alguns anos depois que seus pais haviam trabalhado com ela (como os filhos dos músicos do Bando da Lua ou de sambistas de quem ela gravou muitas músicas), - mas cresceram ouvindo informações a quente, e em primeira mão, sobre a mulher que marcou para sempre a vida de suas famílias. (*idem.*).

Por meio da entrevista feita com Ruy Castro, ele assume que os fatos mais valorosos, entretanto, são ditos por pessoas que nem, sequer, tiraram proveito da fama da artista. “As melhores fontes de informação são as que não são famosas e não ganharam dinheiro. E, essas pessoas, também, são as mais difíceis de se encontrar”, diz.

O biógrafo garante que não se preocupa com a burocracia das fontes (se é tipo zero, se é tipo um ou outro tipo). Para ele, o que importa é se a apuração bem organizada e verificada.

Acho que só trabalho com as fontes zero e um. Mesmo assim, não confio em nada e em ninguém, e tento checar e cruzar tudo. O manual da Folha é muito esquemático, feito para repórteres inexperientes - sei disso porque trabalhava lá em 1984, quando ele foi elaborado pela primeira vez. A vida real é outra. (Falou em entrevista)

Por vezes, dentro da obra de Ruy Castro, as fontes entrevistadas são honestamente citadas.

A viagem tomava quase uma semana, e Carmen chegou a Salvador no dia 20 de Setembro, terça-feira, a tempo de descansar um pouco antes de estrear no sábado, dia 24. Segundo uma história contada por Almirante, e depois muito repetida, essa estréia teria sido um desastre: o teatro era uma poeira; não havia microfone; a acústica era péssima; a platéia, muito grossa, infernizara Carmen durante o espetáculo, aos gritos de “Rebola! Rebola!”. Diante disso – continua Almirante –, suspendera a temporada e mandara um telegrama para ele no Rio, convocando a ir salvá-la e a dividir o show com ela, cantando emboladas e contando piadas. Almirante teria tomado o primeiro vapor, passando fome na viagem (embarcara com pouco dinheiro) e chegando a tempo de Carmen reestrear o show no dia 26, segunda-feira, dando início a uma temporada de sucesso. (*Carmen, Uma Biografia*, 2005, p. 85).

Para Ruy Castro, citar a fonte dá um pouco mais de credibilidade a obra, mas salienta que, se a fonte for colocada à exaustão, fica muito chato e inviável. Contudo, é necessário ser citada, principalmente, quando a informação é muito peculiar ou quando ela não está muito crível, mas é válido citar. Como neste caso do próprio Almirante ter garantido que Carmen solicitou a presença dela para a apresentação que teria sido um fiasco.

E, não há nada mais justo com o leitor do que alertar que o fato pode não ter sido da maneira como diz a fonte.

É difícil saber como nascem certas lendas – e essa é uma história mal contada em toda linha. Entre outras coisas, o Jandaia não era uma poeira. Na verdade, era um teatro de luxo, novo em folha, inaugurado um ano antes. A falta de microfones era normal na época, donde a acústica era planejada de acordo. É possível que, num teatro daquele tamanho (2260 lugares), a voz de Carmen não chegasse bem a certos setores da platéia e, justamente desses – as galerias, onde ficavam os estudantes universitários, de pé e sem pagar –, partissem gritos “Rebola! Rebola!”. Mas seria uma crise com que a tarimbada Carmen não soubesse lidar? O importante, no entanto, não é isso. É a participação de Almirante. Muito antes do início da temporada, o jornal *A Tarde* já anunciava a presença de Carmen e Almirante em Salvador para uma série de shows. Ou seja, Almirante iria de qualquer maneira. (CASTRO, 2005, p. 85).

Quando questionado como os biógrafos encontram tantos fatos quase escusos da vida de personagem, Ruy Castro é enfático. “Não vou entrevistar ninguém com menos de trinta perguntas a serem feitas e sem estudar sobre o entrevistado. Ela (a fonte) deve ter a impressão de que conheço o assunto. Sendo assim, eu posso dominar a entrevista”, declarou, em entrevista a essa pesquisadora.

É fundamental, segundo Ruy Castro, o entrevistador tem uma noção de quem foi à fonte na vida de Carmen e o que deseja arrancar dela. Com isso, será possível descobrir além do que se possa imaginar.

As fontes têm o poder de manar, de continuar manando e de deixar de manar informações. Cabe ao jornalista, ouvi-las e ser capaz de discernir a coerência das fontes, intenções e interesses distintos.

3) AS MÁSCARAS DO BIOGRAFADO E A MEMÓRIA DAS FONTES DE INFORMAÇÃO

Segundo Sérgio Vilas Boas, é necessário, também, que o biógrafo tenha maturidade para analisar as fontes e saber se o que elas estão dizendo não faz parte de um senso coletivo. “É comum vermos pessoas que se comportam de um jeito em casa e de outro no trabalho, na escola ou com os amigos”. (VILAS BOAS, 2002, p. 125)

O psiquiatra suíço Carl Gustav Jung chama de *persona* a máscara usada por um indivíduo para se apresentar ao mundo e aos outros. Ao longo de uma vida são empregados vários tipos de papéis representados, conforme o momento existencial e o desenvolvimento de cada um.

E é aí que o biógrafo tem que encarar a fonte de informação: tentando “desmontar as *personas* dos personagens biografados a fim de descobrir se o que parece ser próprio do indivíduo não é, na verdade, uma característica coletiva ou vice-versa”. (VILAS BOAS, 2002, p. 126).

Não é fácil notar e penetrar na mente dos entrevistados para identificar essas máscaras. Mas para os experientes, é possível fazer essa analogia do que é fato do que é opinião. Lidar com a memória dos outros é um trabalho árduo, como disse o psicólogo James Hillman.

Para Hillman, o passado não necessariamente esclarece o presente. A memória não é apenas uma impressão do passado; ela é a guardiã de tudo o que é expressivo nas mais profundas esperanças e temores (...). Muitos psicólogos, como o próprio Hillman, consideram o “tempo psicológico” não a simples passagem das horas, mas o “significado da experiência”, isto é, o que foi importante para as esperanças, a ansiedade e o progresso da pessoa. (VILAS BOAS, 2002, p. 133)

Sendo assim, as fontes mostram um inesgotável “mundo” dentro das possibilidades das vivências. Ou seja, cada entrevistado mostra um pouco ou uma versão da qual experimentou com o personagem biografado.

Há, claro, seleções dúbias, esquecimentos propositais e filtragens maquiadoras. Mas as conexões (históricas, psicológicas, familiares etc.) que se apresentam ao biógrafo decerto são inspiradoras. Tem-se uma noção relativamente ampla, e de um ponto de vista íntimo, de como era o meio ambiente, a família e a cultura e as decisões mais solitárias do autobiógrafo - personagem da biografia em curso. (VILAS BOAS, 2002, p. 60)

Fica a cargo do biógrafo analisar todas as possibilidades e cruzar informações. Como o próprio Ruy Castro disse, “incansavelmente”.

3.1) BIOGRAFIA NÃO É LEI

Enfim, na biografia, não existem personagens perfeitos, completos e inquestionáveis, simplesmente por que é subjetiva a informação. As fontes de informação são feitas de carne e osso.

Numa biografia a vontade de qualquer autor é se aproximar ao máximo do personagem retratado. Contudo, não pode mencionar apenas as alegrias. Pelo contrário. As tristezas e as dificuldades na vida do biografado devem estar presentes. Pois é herói além de sorrir, também chora.

Os personagens biografados não podem se colocar a salvo de intempéries, sob pena de minar a credibilidade da obra. Ao contrário do que se imagina a seleção preconcebida de informações pode até injustiçar o biografado, na medida em que se oculta do leitor a pluralidade de sua persona. (BOAS, 2002, p. 50)

Sérgio Vilas Boas afirma não acreditar que o biógrafo chega na “totalidade” do autor. Para ele, é uma utopia pensar que “nada mais pode ser escrito”, por exemplo, sobre Carmen Miranda. Todavia, os próximos a biografar tal personagem devem levar em consideração que a cantora não é mais um rosto na multidão. O público-leitor já terá conhecido alguma face da biografada e terá.

O próximo a biografar, certamente, fará novas abordagens a respeito de Carmen Miranda.

Para o jornalista Vilas Boas, ainda, “a biografia é o recorte de uma vida, não a vida: ela é um arranjo de vidas a partir de fatos que levam à interpretação de uma vida, como assinala Steve Weinberg”. (VILAS BOAS, 2002, p. 136).

O fato é uma pedra fria, uma coisa inarticulada, morta até que algo aconteça; e não adianta o biógrafo ficar esperando por combustão espontânea ou alquimia milagrosa. O fato precisa ser friccionado na mente, colocado em justaposição magnética com outros fatos, até que comece a brilhar, a emitir aquela radiação que denominamos significado (*apud* Paul Murray, 1986, 40-1).

O ser humano é analisado pela ciência para descobrir as suas eternas mutações, assim com o camaleão. Mas não na modificação da pele, como este animal irracional citado, mas na personalidade. “O homem é um microcosmo no interior do cosmos. As velhas dicotomias corpo-mente, matéria-espírito, razão-emoção e outras tantas que impregnaram a era moderna –revelaram-se insuficientes para compreendermos a realidade”. (VILAS BOAS, 2002, p. 166).

Grosso modo, o que faz imprimir a coragem ou a covardia na escrita dos biógrafos é a capacidade destes de interpretarem com firmeza ou fraqueza se seu personagem sustentou as próprias convicções, e se ele manteve de forma obstinada, desafiadora, retaliadora ou se foi praticamente impossível acreditar em outra possibilidade (...).(BOAS, 2002, p. 152).

É este o objetivo de uma biografia: recriar e sustentar informações do sujeito por meio das fontes de conteúdo estático e/ou dinâmico (fontes primárias e secundárias).

Portanto, a biografia não é a sentença do personagem. Não deve ser considerada, assim, finita a vida de uma pessoa. Por meio de olhares diferentes, tanto de quem escreve, quanto de quem fornece a informação, Carmen é diferente para cada uma das pessoas.

4) CONCLUSÃO

O gênero biográfico ainda necessita de muitos estudos e teses a respeito. Tanto quanto a objetividade e os efeitos na história e na imagem do sujeito biografado. Contudo, sabe-se a relevância de uma obra biográfica para perpetuar uma época e configurar a evolução da humanidade. Afinal, o mundo não começou hoje.

Carmen Miranda, por Ruy Castro, deu vida ao samba, a “boa-vizinhança” entre Brasil e os Estados Unidos, a música popular brasileira. Todavia, sobre a voz e as lembranças tão lúcidas de pessoas que, hoje, estão com mais de 90 anos.

As fontes de informação puderam contribuir, segundo as experiências que tiveram, para que a obra do jornalista mineiro Ruy Castro fossem possível e contribuísse para a continuidade da memória sobre Carmen.

Os entrevistados não foram meros objetos de estudo, mas principais colaboradores ativos. Somente por eles, os mínimos e mais ocultos fatos vierem à tona.

Não esquecendo que, as informações das fontes, sejam elas primárias ou secundárias, não são verdades absolutas. O jornalista sagás deve sempre levantar hipóteses e checando os dados.

Ruy Castro foi autêntico no livro *Carmen – Uma Biografia*, dizendo aos leitores, na medida do possível, quem deu o fato e, até mesmo, falar da incerteza que tem a respeito da informação.

Ao final da biografia, o autor teve o cuidado de citar cada jornal e cada pessoa com quem pôde conversar. Salientando que foi possível, não apenas, o contato direto com pessoas que conheciam em vida a cantora, mas pessoas que “cresceram ouvindo informações a quente, e em primeira mão, sobre a mulher que marcou para sempre a vida de suas famílias”. (CASTRO, 2005, p. 552). No caso, os filhos dos músicos e sobrinhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

BOAS, Sérgio Vilas. Biografias e Biógrafos: Jornalismo Sobre Personagens. São Paulo: Summus, 2002.

CASTRO, Ruy. Carmen Miranda: Uma Biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CASTRO, Ruy. Estrela Solitária. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CASTRO, Ruy. Um Anjo Pornográfico. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CARINO, Jonaedson. A Biografia como Fonte para a História da Educação: Primeiras Reflexões. In: *A Biografia como Fonte para a História da Educação: Primeiras Reflexões*, 1996, . v. III. p. 501-508.

DAMASCENO, Diana. Biografia Jornalística: o Texto da Complexidade. Rio de Janeiro: Univercidade, 2002.

DUARTE, Jorge. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. In: GOBBI, Maria Cristina (org). *Método Biográfico*. São Paulo: Atlas, 2005, p.84-97.

GOFFMAN, Erving. A Representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis: Vozes. 1999.

Manual Geral da Redação. Edição: São Paulo: Folha de São Paulo, 1987.

Internet

Galvão, Walnice Nogueira. A Voga do Biografismo Nativo. <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>

Entrevista

Entrevista com o jornalista Ruy Castro realizada em 20 de Abril de 2007

Entrevista com o jornalista Ruy Castro realizada em 30 de Abril de 2007